

# **Como são tratados os corpos femininos nos livros didáticos usados nas escolas do campo?**

## **How are female bodies treated in the didactic books used in the rural school**

**Pauline Silveira de Barros**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Paulne.s.barros@gmail.com

**Tatiana Souza de Camargo**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Tatiana.camargo@ufrgs.br

### **Resumo**

Esta pesquisa bibliográfica foi realizada na escola Rui Barbosa, com o intuito de investigar como os corpos femininos são apresentados pelos livros didáticos de ciências nas escolas do campo. Foi utilizado os livros do 8º ano justamente por ter em sua grade curricular o assunto corpo humano. Para isso utilizei três livros disponíveis na biblioteca da escola: Ciências 8º ano da editora Quinteto, Ciências novo pensar: 8º ano da Editora FTD e Ciências 8º ano: Manual do professor da Editora: Pra viver juntos. Foi possível concluir que a ciência reforça os estereótipos de inferiorização com a maneira que aborda os corpos das mulheres. É urgente uma análise acerca da forma de apresentar esses conteúdos na BNCC sabendo do papel fundamental da escola exerce na preparação dos sujeitos para vida, e parar de tratar o corpo da mulher unicamente como ferramenta reprodutiva, fazendo desta forma uma lacuna de informação.

**Palavras chave: Corpo da mulher; violência contra a mulher; ciclos reprodutivos; saúde da mulher, livros didáticos**

### **Abstract**

This bibliographic research was carried out at Rui Barbosa school, to investigate how female bodies are presented by science textbooks in rural schools. The 8th-grade books were used precisely because they had the subject human body in their curriculum. For that, I used three books available in the school library: Sciences 8th grade from Quinteto publishing house, Sciences new thinking: 8th grade from FTD publishing house and Sciences 8th grade: Teacher's manual, publisher: To live together. It was possible to conclude that science reinforces inferiorization stereotypes with the way it approaches women's bodies. There is an urgent need for an analysis of how to present these contents in the BNCC knowing the fundamental role of the school in preparing subjects for life, and stop treating the woman's body solely as a reproductive tool, thus making an information gap.

**Key words: Woman body, violence against woman, reproductive cycle, woman health, didactic books**

## **Introdução**

Este trabalho tem o intuito de questionar a maneira como os corpos das mulheres são retratados nos livros didáticos de ciências e como a temática da violência contra a mulher doméstica aparece e se aparece. Para responder a esses questionamentos realizei uma pesquisa bibliográfica nos livros utilizados pela E.E.E.F. Rui Barbosa, localizada na zona rural do município de Viamão/RS. Embora eu já tivesse uma caminhada junto à esta escola, estava iniciando a pesquisa em uma temática totalmente nova e então foi como se estivesse iniciando minha caminhada naquele momento. A escola tem por procedimento padrão a escolha dos livros didáticos através dos professores, eles escolhem esses livros de acordo com a realidade da escola e comunidade. Todos os livros utilizados são recebidos do governo federal e estão de acordo com a BNCC. Sempre restava em mim inquietação, que é a questão deste trabalho: como falar de violência contra a mulher, como encaixar este assunto dentro dos conteúdos programáticos para as aulas de ciências? Então a professora que há um ano atrás dava aulas de horta escolar teve que se inovar, sair das bases da sustentabilidade e mergulhar nas pesquisas referente ao corpo humano, aos métodos de abordagem, e a descontração, pois além dos desafios do referencial teórico inexistente, tínhamos o desafio da linguagem a ser usada para abordar o assunto com alunos da zona rural.

Para este estudo foram utilizados três livros didáticos de ciências disponíveis na biblioteca da escola e usado nas aulas onde o corpo humano é abordado no oitavo ano do ensino fundamental, estes livros foram analisados e comparados entre si através de análise documental e em uma abordagem qualitativa. São eles:

- Ciências 8º ano da editora Quinteto, neste livro foi pesquisado a unidade 9 que diz respeito a puberdade e gestação, dos autores: José Trivellato, Marcelo Lotokane, Julio Lisboa e Carlos Kantos.
- Ciências novo pensar: 8º ano. Editora FTD, neste livro foi utilizado a unidade 3: Reprodução, desenvolvimento e hereditariedade, dos autores: Demétrio Gowdak e Eduardo Martins.
- Ciências 8º ano: Manual do professor. Editora: Pra viver juntos, utilizado os capítulos 3 e 4: fertilidade, métodos contraceptivos, gravidez, menstruação e DST's. Autores: João Batista Aguilár e Paula Signorini.

É dever de todas e todos educadores questionar acerca dos conteúdos ministrados em sala de aula, quando olhamos para os livros didáticos, nos deparamos com um conteúdo bastante direcionado. Nós, mulheres, somos tratadas apenas como reprodutoras, é assim que os livros didáticos discutem nossa saúde e também definem nossos ciclos de vidas, somos pautadas através de nossos ciclos reprodutivos, é esta discussão que trataremos com o presente artigo.

## **Tratamento do corpo e da saúde nos livros didáticos de ciências**

A primeira percepção quando se lê os livros didáticos é a maneira como os papéis de gênero são reportados. A construção do que é feminino e do que é masculino, é cultural e social, e estes estereótipos podem e são reforçados através de pequenas mensagens passadas por nós, diariamente, de forma muitas vezes tão sutil e tão naturalizada que passam despercebidos. A partir da designação de tarefas específicas e condutas distintas nesta relação, os livros tendem a mostrar uma visão estereotipada sobre os papéis socialmente aceitos e recomendados para cada gênero. Mesmo hoje, introjetamos fantasias cor-de-rosa e azuis em nossos bebês.

Comparamos caminhõezinhos de brinquedo para nossos filhos e bonecas para nossas filhas.

Segundo MALUF; TORNQUIST (2010, p. 31) “No que diz respeito às políticas públicas e governamentais em relação a saúde mental, as mulheres são mencionadas a partir do que seriam suas situações de “vulnerabilidade”, ligadas à noção de “ciclo de vida”. Segundo as autoras, as mulheres são separadas conforme sua situação, ou seja, gestantes, mães, adolescentes e geriátricas. Esta questão, além de estar presente na construção das políticas públicas de saúde e sociais, também está muito presente na grade curricular das escolas, ignorando necessidades que as mulheres têm além do seu ciclo reprodutivo.

Esta análise reforçou a minha percepção de que a segregação sexual começa antes mesmo do nascimento da criança e está ali enraizada na cultura familiar e escolar. Para chegar a uma análise conclusiva é necessário olhar com “olhos críticos” ao tema, pois a construção do conteúdo pode-se descrever como sendo sexista sem querer ser, que estimula a diferenciação entre os gêneros, analisando e interpretando a maneira como as obras referem-se aos homens e às mulheres e os papéis que lhes são atribuídos.

A segregação masculina e feminina em certos livros é posta de tal forma que “a delicadeza feminina é colocada em oposição à dureza masculina e, ao dar ao homem um caráter ativo, concede-se à mulher, automaticamente, um caráter passivo; se o homem é duro, a mulher é suave, doce e meiga.” (MARTINS, 2007, p 144). A autora também afirma que:

Tal antagonismo é evidente nos livros didáticos, pois enquanto o homem corta as árvores com machado, a mulher rega o jardim cultivando flores; enquanto o homem joga lixo nos rios, a mulher enfeita a casa; enquanto o homem mata os animais em caçadas, a mulher alimenta o cachorrinho; enquanto o homem polui o ar com cigarro, carro e indústrias, a mulher brinca com as crianças na pracinha, rodeada de flores. E assim por diante. (MARTINS, 2007, p 144).

Todos estes estereótipos reforçados nos livros didáticos só evidenciam a forma como a ciência enxerga e faz a sociedade enxergar o corpo e o papel da mulher, reduzindo-as a seus úteros e enfatizando a dominação masculina, desta forma, estes livros podem contribuir para o controle patriarcal das vidas femininas, reforçando, a partir das relações de gênero, as condições que legitimam as estruturas de poder existentes.

Defensores científicos do patriarcado justificam a definição de mulheres pelo papel materno e pela exclusão de oportunidades econômicas e educacionais como algo necessário para sobrevivência da espécie. Era por causa da constituição biológica e da função materna que as mulheres eram consideradas inadequadas para educação superior e muitas atividades vocacionais. Menstruação, menopausa e até gravidez eram vistas como debilitantes, doenças ou condições anormais, que incapacitavam as mulheres e as tornavam de fato inferiores. (LERNER, 2019, pág. 45)

A autora também faz um comparativo com as teorias de Sigmund Freud, que ao longo dos anos teve sua literatura consagrada para educadores assistentes sociais e o público geral da grande mídia. Ela relata que para Freud “O humano normal de Freud era macho; a fêmea era, de acordo com sua definição” (LERNER, 2019), ou seja, considerava a mulher um ser inferior por não possuir um pênis e também alega que a “estrutura psicológica concentrava-se, segundo suponha, no esforço em compensar essa deficiência.” (LERNER, 2019). Podemos pensar que apesar de muitos aspectos da teoria freudiana se provarem úteis na construção da teoria feminista, foi a máxima de Freud de que, para mulheres, "anatomia é destino" (LERNER, 2019) que deu a nova vida e força ao argumento de supremacia masculina.

A pesquisa bibliográfica evidencia que tratar a saúde da mulher unicamente por seus ciclos de

vida reprodutivo também se trata de uma construção histórica, pois quando falamos de saúde e de ser saudável, podemos aí falar de corpo saudável e também de mente saudável, bastando para isso ampliar o campo de visão que a ciência tem quando o assunto é mulher. “as mulheres brasileiras têm uma expectativa de vida superior aos homens brasileiros. Já na década de 80 nos séculos XX, a esperança de vida ao nascer das meninas, situava-se em torno de 7 anos a mais do que aquela estimada para os meninos.” (AQUINO; MENEZES; AMOEDO, 1992).

Outro diferencial entre mulheres e homens é que as “mulheres apresentam mais queixas e frequentam mais assiduamente os postos de saúde que os homens” (STREY,2002), segundo a autora, as mulheres experimentam mais dor (dor de cabeça, artrite) e algumas infecções respiratórias, incluindo a bronquite, a asma e problemas de pulmão não relacionados ao câncer. Também sofrem, provavelmente, de cânceres reprodutivos, hipertensão, problemas de visão e depressão. Ainda que vivam mais tempo, as mulheres apresentam uma taxa mais elevada de morbidade.

O modelo social induzido, entendido como uma maior disposição das mulheres a considerarem-se mentalmente enfermas, devido a que têm, socialmente, um papel inferiorizado, definido como enfermo. O modelo de causalidade social, entendido como uma maior disposição a adoecer mentalmente devido a estilos de vida mais pobres, com maiores condições de stress e problemáticas da sociedade associadas a seus papéis sociais dentro da família ou combinando esses com outros papéis. (BURIN et al, 1990, p. 144)

As autoras trazem o impacto que esses papéis de gênero acarretam na saúde das mulheres, que por sua vez não são debatidos no meio escolar. É comum ver que mulheres procuram mais os serviços de saúde, também é comum o uso de psicofármacos como ferramentas paliativas, que ao invés de resolver situações, muitas vezes apenas tornam essas mulheres mais “capazes” de suportar a realidade que está inserida e isso não é debatido. Em 2009, o relatório Mulheres e Saúde, apresentado pela OMS, apontou para um maior desenvolvimento de transtornos relacionados a ansiedade e depressão em mulheres do que em homens, estimando a prevalência destes diagnósticos em 73 milhões de mulheres adultas no mundo inteiro. Segundo BOEFF, “em relação ao tratamento, em países de alta e baixa renda, mulheres que vivem em condições econômicas mais precárias, relataram maiores problemas de saúde mental, recebendo menos tratamentos apesar de concentrarem-se em maior número.” Ainda segundo a OMS (2009), o suicídio é registrado como a sétima causa de morte entre mulheres com faixa etária variando entre 20 e 59 anos no mundo inteiro, sendo a segunda causa de morte nos países de baixa renda e a primeira causa de morte em mulheres adultas, trabalhadoras rurais. Além disso, no mundo um em cada três suicídios ocorre em mulheres entre 25 e 44 anos de idade, ficando à frente, até mesmo, dos acidentes de trânsito.

Sobre os fatores que aumentam a prevalência de questões de saúde mental em mulheres, incluindo aqui também o suicídio, o relatório da OMS (2009) refere a exposição ao abuso sexual na infância, a violência do parceiro íntimo, o consumo abusivo de álcool, as diferenças nos papéis de gênero, a desigualdade social e a vinculação a famílias extremamente patriarcais. (BOEFF, 2019, p. 18)

Trago estes elementos para justificar a importância de falarmos em sala de aula sobre saúde da mulher em um contexto mais amplo, com mais abrangência, é fato que mulheres adoecem mais que os homens, é necessário discutir porque isso ocorre e quais os fatos da sociedade que contribuem para que isso ocorra e desconstruir a educação tradicional que replica conceitos ultrapassados.

Situada a ciência como não neutra e comprometida com a visão social que subordina as mulheres nas relações entre os gêneros, avançamos um pouco mais, buscando entender como esse ciclo de reprodução é mantido, assim como, os avanços, resultantes dos processos empreendidos pelas mulheres que vão despertando.

## **Conclusões**

Quando iniciei a pesquisa nesta área, o fiz com muitas dúvidas, até mesmo porque quando se tem um assunto “feminino” sabemos que nem todos os alunos têm a construção necessária para receber os conteúdos de forma aberta. Com o desenrolar das atividades, eu fui me construindo, fui encontrando links entre os assuntos e pude conduzir a pesquisa, até mesma em algumas observações em sala de aula, até atingir o ponto que eu precisava. Uma das autoras que usei como base, a Saini, traz em sua teoria que as ciências não são exatas nem neutras, e este trabalho me trouxe a prova disso que ela afirma, “as ciências produzem a verdade. Uma dessas verdades mais aceitas e comprovadas cientificamente é a de que existe uma diferença inata, biológica, entre os sexos” (SAINI, 2018, p. 12) e também tendenciosa, pois retrata e delimita os papéis de gênero, com mensagens sutis e normalizada na nossa cultura.

Foi através destas afirmações que minhas dúvidas sobre qual as responsabilidades das ciências para o processo de inferiorização das mulheres ao longo da história começaram a brotar. E através das minhas leituras, um fato muito simples me foi revelado: “as descobertas e teorias científicas, desde sempre, foram feitas a partir de uma perspectiva masculina, silenciando o olhar e a experiência de mais da metade da população” (SAINI, 2018, p. 11). Aqui, neste primeiro capítulo da minha pesquisa, digo com todas as letras que “as ciências não são necessariamente exatas, nem neutras, e que a sua verdade é claramente parcial e, portanto, muitas vezes inexatas” (SAINI, 2018, p. 12).

Este estudo nos faz refletir a cerca das nossas responsabilidades como multiplicadoras de conhecimento, sempre levando em consideração o poder da palavra e como as mensagens verbais enviadas por nós professores são recebidas, algumas vezes elas acabam por perpetuar comportamentos e condições que justamente estamos tentando mudar.

É necessária esta atenção para que crianças e adolescentes recebam as mensagens transformadoras, corretas e necessárias, que possam contribuir de forma positiva pra construção de uma sociedade melhor, menos enraizada na cultura patriarcal e machista. Desconstruir os papéis de gênero e também incluir o sexo masculino nas atividades de cuidado e de afeto. Caminhos tortuosos, mas que torna a educação o eixo central pra transformação da sociedade atual em uma que seja educadora, inclusiva, equitativa e humana.

## **Agradecimentos e apoios**

Agradeço primeiramente aos meus Orixás e guias espirituais que conduzem meu caminho e não me deixam desistir.

Agradeço a minha filha Isabelle que é minha fonte de força e motivação lutar todos os dias contra o machismo e todas as formas de desamor e violência.

Agradeço a minha professora Tatiana, querida que me apoia imensamente, talvez ela acredite mais em mim do eu própria.

Agradeço ao meu companheiro Leonardo, por tentar me entender e fazer todas as traduções que preciso e também pelo colo e amor.

Agradeço a todas que vieram antes de mim pela inspiração à luta, a todas que andam ao meu lado.

## Referências

AGUILAR, João B. SIGNORINI, Paula. **Ciências 8º ano: Manual do professor**. São Paulo: Pra viver juntos, 2012.

AQUINO, Estela M.L.; MENEZES, Greice M.S. and AMOEDO, Marúcia B. **Gênero e saúde no Brasil: considerações a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Rev. Saúde Pública [online]. 1992, vol.26, n.3, p.195-202.

BOEFF, M. C.; CAMARGO, T. S. **Depressão e gênero: investigação sobre o diagnóstico em práticas de promoção a saúde na atenção básica**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Womens Worlds Congress, 2017, Florianópolis / SC. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Womens Worlds Congress (Anais Eletrônicos), 2017. p. 1-12.

BURIN, Mabel; MONCARZ, Esther; VELÁZQUEZ, Susana. **El malestar de las mujeres: la tranquilidad recetada**. Buenos Aires: Paidós, 1990.

GOWDAK, Demétrio; MARTINS, Eduardo. **Ciências novo pensar: 8º ano**. São Paulo: FTD, 2015.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: A história da opressão das mulheres pelos homens; tradução: Luiza Sellera**. São Paulo: Cultrix, 2019

MALUF, Sônia Weider e TORNQUIST, Carmen Susana (organização) **GÊNERO, SAÚDE E AFLIÇÃO: abordagens antropológicas, Florianópolis, Santa Catarina**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010. p. 468.

MARTINS, Elicília de Fátima. **Os papéis de gênero nos livros didáticos de ciências**, Rev. Ensaio, Belo Horizonte, p.132-151, Jan-Jun, 2007.

SAINI, Angela. **INFERIOR É O CARALHO: eles sempre estiveram errados sobre nós**. Tradução: Giovanna Loise Libralon – Cidade de publicação: Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2018.

STREY, Marlene N. NOGUEIRA, Conceição e AZAMBUJA, Mariana P. R. **Gênero & saúde: diálogos ibero-brasileiros**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

TRIVELLATO, José; LOTOKANE, Marcelo; LISBOA, Júlio; KANTOS, Carlos. **Ciências 8º ano**. São Paulo: Quinteto, 2016.